

SEXUALIDADE FEMININA: HERANÇA DE MÃE PARA FILHA

FEMALE SEXUALITY: HERITAGE FROM MOTHER TO DAUGHTER

de Emylle Savi¹

RESUMO: Para a Psicanálise, não se nasce homem ou mulher, masculino ou feminino, mas torna-se tal. A anatomia não é o destino que delimita o sexo e o gênero do indivíduo; o processo de tornar-se homem ou mulher encontra-se estreitamente ligado às questões identificatórias, e a investimentos libidinais nas relações de objeto. O presente artigo tem como objetivo realizar uma síntese, baseada em pressupostos teóricos freudianos e de outros autores contemporâneos, sobre a constituição da sexualidade feminina. Freud (1931) aponta para a importância do primeiro e principal vínculo amoroso da menina – a mãe –, que, nesse momento pré-edípico, é quem ela tenta seduzir. Para que a menina possa ascender ao feminino, faz-se necessário que abandone esse vínculo inicial com a mãe e dirija seus investimentos amorosos à figura paterna. A relação inicial entre mãe e filha quebra-se por uma série de decepções que a segunda sofre, que vão desde o desmame até a confrontação com o complexo de castração. A menina culpa a mãe por não ter lhe dado o falo, e volta-se para a figura do pai – possuidor do falo. A decepção com a masculinidade imaginária lança a menina na posição feminina, que ela constrói identificando-se à mãe. O desligamento da relação entre a menina e sua mãe é fundamental não só para que aquela se torne mulher, como também para que se torne sujeito, conquistando contornos independentes desta que lhe deu a vida. Por fim, conclui-se sobre a importância de um entendimento das relações pré-edípicas da pequena garotinha, que, caso encaminhadas de forma satisfatória, poderão posteriormente possibilitar a ascensão à sexualidade feminina, bem como ao estatuto de sujeito.

Palavras-chave: Sexualidade feminina; Pré-edípico; Complexo de Édipo; Castração; Objeto

ABSTRACT: According to psychoanalysis, people are not born man or woman, male or female, but they become. The anatomy is not a fate that delimits the sex and the gender of the individual. The process of becoming man or woman is closely connected to identification matters and to the way the person does their own libidinal investments in their pre-edipic and edipic objects relation. This article does a synthesis based on Freudian and other contemporary authors assumptions about female sexuality constitution. Freud (1931) points to the relevance of the first and most important amorous bond of the little girl, the one she has with her mother. At this pre-edipic first moment the girl wants to seduce her mother in the same way that she wants to seduce her father during the Oedipal complex. For the girl to grow into the feminine it is necessary that she lives this initial bond with her mother and drives her libidinal investments to her father. There is a change of amorous object from the mother to the father and there is also a change in the sexual position, from masculine to feminine. The initial relation between mother and daughter breaks because of the several disappointments that the girl suffers since the weaning up to the castration complex. The girl blames her mother for not having given her the phallus and goes to the father, the phallus owner. The girl believes the father is the only one that can give her the phallus/child. The deception with the imaginary masculinity associated with the passivity that she experiments from the period of identification with her mother take the girl go to the feminine position and all that builds the femininity. The end of the relation between mother and daughter is important for the girl to be able to become a woman as well as to become a subject, different from that who brought her into life. This article concludes the importance of the comprehension of the pre-edipic relation of the little girl as if such relation goes well might lead the girl into female sexuality, and also to become a subject.

Keywords: Female sexuality; Pre-edipic; Oedipus complex; Castration; Object

¹ Psicóloga; Membro associado da SIG - Sigmund Freud Associação Psicanalítica - emysavi@gmail.com

Parte I:

De Onde Surge a Sexualidade Feminina?

Freud, em 1933, realizou uma conferência intitulada "A Feminilidade". Nela, afirma algo de extrema importância para concebermos o tema da sexualidade: a anatomia não é destino. Diz que o que constitui o feminino, ou o masculino, foge ao alcance da anatomia. Se tentarmos atribuir uma característica à feminilidade, seria a passividade; e à masculinidade, a atividade. Contudo, Freud, nesta mesma conferência, ressalta que, muitas vezes, mulheres têm atitudes ativas, quando precisam assumir os cuidados com seus bebês, por exemplo; e os homens, muitas vezes, assumem um papel passivo. Sendo assim, podemos pensar que nem a anatomia, e nem atividade e passividade são suficientes para constituir a sexualidade. Então, o que faz com que uma pessoa que nasça do sexo feminino alcance a sexualidade feminina?

Freud (1933/1996) declara que podemos começar a procurar essa resposta na relação da menina com sua mãe. O autor afirma ser sabido que, na fase pré-edípica, a menina tem uma forte vinculação com a mãe; o que parecia ser desconhecido era a intensa natureza dessa vinculação, que, por ser tão rica e duradoura, pode deixar atrás de si possibilidades de fixações e disposições. Sobre a natureza das relações libidinais da menina para com sua mãe, Freud fala:

De vez que persistem através de todas as três fases da sexualidade infantil, também assumem as características das diversas fases e se expressam por desejos orais, sádico-anais e fálcos. Esses desejos representam impulsos ativos e também passivos; se os relacionarmos à diferenciação dos sexos que vai surgir depois — embora devemos evitar de fazê-lo, até onde for possível —, podemos chamá-los de masculino e feminino. (p. 120)

Alonso (2008) acrescenta a seguinte ideia:

No início, a mãe cumpre várias funções: vitaliza a criança, em cada cuidado, em cada satisfação de uma necessidade lhe permite viver, mas também lhe permite que a vida pulse, implanta pulsão. Mas a mãe é também um agente narcisante: amando seus filhos e suas manifestações vitais, produz uma confirmação narcísica e é um agente sedutor porque inclui a sexualidade. (p. 237)

Assim como há, na menina, a fantasia de ser seduzida pelo pai durante o complexo de Édipo, há a fantasia pré-edípica de ser seduzida pela mãe. Contudo, para ascender ao feminino e poder alcançar um dia a sexualidade feminina, esse vínculo com a mãe necessita ser desfeito, para abrir a possibilidade de vinculação da menina ao pai, que se tornará, então, seu novo objeto de amor. Mas o que faz com que a menina desfaça esse vínculo tão intenso com sua mãe?

Conforme Freud (1933/1996), a menina passa por uma série de decepções com sua mãe: a perda do seio, muitas vezes o nascimento de um novo irmão — o qual, então, passa a ocupar o lugar privilegiado da amamentação —, as proibições maternas referentes à atividade prazerosa com os genitais (atividade esta que, afinal de contas, a própria mãe iniciará na pequena menina), mas principalmente a responsabilização da mãe pela falta de um pênis; a garota culpa a mãe por ter sido colocada nesse lugar de desvantagem. Por fim, Freud acrescenta que esse vínculo pode sucumbir simplesmente por ser o primeiro vínculo de amor da menina.

Uma poderosa tendência à agressividade está sempre presente ao lado de um amor intenso, e, quanto mais profundamente uma criança ama seu objeto, mais sensível se torna aos desapontamentos e frustrações provenientes desse objeto; e, no final, o amor deve sucumbir à hostilidade acumulada. (p. 124)

Alonso (2011) afirma ser a hostilidade da filha em relação à mãe um motor fundamental no desenvolvimento da feminilidade. Esta hostilidade se deve à insaciabilidade da libido, ao ciúme e à descoberta da castração dela própria e da mãe. Quando a menina se reconhece igual à mãe na falta, não querendo ser como ela, distancia-se, dirigindo-se ao pai. Tal afastamento é fundamental à constituição do feminino. O surgimento da inveja do pênis é testemunho da força da ligação com a mãe, bem como da força da quebra desta ligação. Este momento é de grande importância como organizador no desenvolvimento em direção ao feminino.

Sabemos, então, que a menina entra no complexo de Édipo, rompe esse vínculo inicial com a mãe e dirige suas atenções à figura do pai, por essa série de decepções que sofre em relação à figura materna. Ela deseja que o pai que lhe dê o tão desejado falo — que a mãe não foi capaz de dar-lhe. De acordo com Freud (1933/1996), a situação feminina só se estabelece de fato quando o desejo por um pênis for substituído pelo desejo de um bebê.

Kehl (1998) faz uma interpretação da posição da mulher na obra de Freud. De acordo com a autora, Freud acredita ser a decepção com a masculinidade imaginária que lança a menina na posição feminina, associada à passividade que ela constrói identificando-se à mãe, e que constitui a feminilidade. Esta revela não uma desistência, mas apenas um adiamento da posse fálca; é um truque, um sacrifício temporário oferecido pela mulher ao homem em troca de um único interesse verdadeiro, o filho-falo. Pois a menina, na ausência da principal força motivadora do recalque no complexo de Édipo, a angústia de castração, parte do fato consumado de sua falha anatômica para nunca abandonar por completo suas pretensões incestuosas. Pode-se pensar, então, que o complexo de castração tem o efeito de inibir a masculinidade e estimular a feminilidade.

Contudo, para que tudo isso ocorra, para que a menina possa então voltar-se da figura materna para a paterna e trilhar seu caminho rumo à sexualidade feminina, é necessário que a mãe abra espaço para que esse intenso vínculo inicial se desfaça, e a menina se vá, rumo ao pai, bem como é importante que haja uma figura paterna pronta para recebê-la e dar suporte à pequena garotinha nessa difícil empreitada de se constituir mulher. No entanto, não é sempre assim que as coisas ocorrem.

O fato de existirem uma mãe e uma filha não quer afirmar que existam duas mulheres. A feminilidade da mulher situa-se entre a filha e a mãe, não em uma nem em outra. Isso constitui uma questão: como, de uma mãe e uma filha, pode emergir uma mulher? (Alonso, 2011, p. 335)

Parte II: A Relação da Menina com sua Mãe

Freud (1931/1996), em seu texto *Sexualidade Feminina*, comenta que, no complexo de Édipo feminino, assim como no masculino, o primeiro objeto de amor é a mãe. Durante essa fase, o pai não é nada mais do que um rival, causador de problemas. A criança tem, então, que trocar o objeto original pelo pai.

Segundo Freud (1931/1996), a sexualidade da mulher é dividida em duas etapas: uma predominantemente masculina, na qual o objeto de amor da menina é a mãe, e sua principal zona genital é o clitóris (órgão análogo ao pênis); e outra predominantemente feminina, na qual a menina volta seu amor ao pai e sua atenção à vagina. Há, portanto, uma troca de objeto de amor, bem como uma

troca de zona erógena. Sendo assim, uma mudança em seu próprio sexo, de uma sexualidade masculina para uma feminina, é correspondente a uma mudança de sexo do seu objeto, mulher/mãe para homem/pai.

O que possibilita que essa mudança ocorra é que a menina reconhece o fato de sua castração, assim como reconhece a castração da mãe, sente-se e percebe seu sexo como inferior, e volta-se ao pai — fálico — o único que pode lhe dar um falo.

Conforme Kehl (1998), Freud afirma que a separação da mãe constitui mais do que uma mudança de objeto amoroso; é a própria sexualidade que se transforma de masculina em feminina quando a menina, identificada agora com sua mãe, volta seu amor para o pai. Contudo, o desligamento da relação entre a menina e sua mãe é fundamental não só para que aquela se torne mulher, como também para que se torne sujeito, conquistando contornos independentes desta mãe que lhe deu a vida e com a qual é impossível seguir misturada.

Rejani (2008) apresenta a ideia de Freud, sobre a mudança da menina em direção ao pai, da seguinte maneira:

Na volta para o pai, abre-se o caminho de acesso à feminilidade, caminho este que poderá ter três diferentes bifurcações — a saída pela histeria, a saída pelo complexo de masculinidade e a saída para a verdadeira feminilidade, ou seja, a aceitação da falta constitutiva do sexo feminino. Para Freud, a escolha de qualquer um destes caminhos dependerá de como a menina elaborou sua castração. A inveja do pênis constituiu-se em um dos pilares centrais de sua teoria a respeito do feminino. O desejo da mulher em ter um órgão masculino ficará catexizado no desejo de ter um homem e, posteriormente, um filho. (p. 221-222)

Alonso (2011), fazendo uma alusão ao texto freudiano, corrobora esta ideia, alegando:

Em 1925, Freud colocara o feminino como uma das saídas do complexo de castração.

Um dos caminhos que se abrem quando a menina é confrontada pela percepção da diferença existente entre o seu genital e o do menino. Frente a isso, diz o autor, o caminho se ramifica em três alternativas: a menina inibe toda a sua sexualidade (saída neurótica); nega-se a reconhecer a diferença e reafirma a falicidade (caminho homossexual); opta pela via de desejar um pênis, inclinando-se em direção ao pai e realizando, por meio de equivalências simbólicas, um deslizamento da libido do pênis para o filho que gostaria de receber do pai (saída feminina). No contexto edípico, então, o feminino está colocado como uma saída para o complexo de castração. (p. 328-329)

Segundo Freud (1931), a mãe é o “primeiro grande sedutor”. Rejani (2008) utiliza essa ideia ao expressar que ao manipular o corpo de seu filho, a mãe desperta um grande número de excitações e sensações prazerosas e desprazerosas, as quais contribuirão para a definição das zonas erógenas na criança. Sendo assim, para a menina, assim como para o menino, a mãe é o primeiro e mais forte objeto de amor. A mãe busca no filho sua completude narcísica, transformando-o em substituto fálico da falta imaginária, representada pela castração, mas, em algum

momento, deve promover uma separação, consolidada pela intervenção paterna.

A mãe pode, ou não, abrir espaço para que o pai entre, quebre essa ilusão de completude da dupla mãe e filha, marque a falta do falo, e seja percebido como agente castrador, o que possibilita que a menina se ressinta com a mãe por um momento e volte seu interesse libidinal à figura paterna. Desta forma, futuramente, ela poderá voltar-se novamente para a mãe, por medo da perda do amor desta; porém, não mais só como objeto de amor, como também como objeto de identificação do feminino.

McDougall (1987) traz a ideia de que a relação da menina com sua mãe é marcada por um “profundo vínculo homoerótico”. Há uma grande importância nas comunicações corporais e verbais entre a dupla, afinal, as representações inconscientes que a menina terá de seu corpo e sua zona genital estarão ligadas à forma como a mãe investiu libidinalmente o corpo da filha, bem como à forma com que a própria mãe lida com seu corpo e sua sexualidade. A autora afirma que a vida amorosa da mulher encontra suas premissas nessas primeiras relações objetais, pois o investimento libidinal do pai na menina, o que é fundamental para o desenvolvimento da sexualidade da última, pode ser facilitado ou dificultado pela maneira com que a mãe lhe apresenta o pai, e os homens em geral.

Caso a menina consiga dirigir-se ao pai como objeto de amor, poderá, mais tarde, voltar-se à mãe, buscando uma identificação com o feminino. Afinal, esta, cujo corpo é semelhante ao seu, poderá lhe apresentar uma imagem do feminino, imagem que dependerá da maneira como a mãe elaborou o seu próprio complexo de castração, o qual é fator fundamental para a constituição da feminilidade.

Conforme Rejani (2008), na relação com o filho homem, a mãe tem o falo, encontra sua completude narcísica. Na relação com a filha mulher, as coisas se passam de um modo diferente. A satisfação e a identificação narcísica misturam-se; a filha, ao mesmo tempo que proporciona satisfação à mãe, também a interroga como mulher, marcando-lhe a falta, o que é favorecido pela identidade anatômica. A menina confronta a mãe com a castração. Caso a mãe tenha podido vivenciar a problemática de sua própria castração de uma forma amena, sem grandes complicações, poderá transmitir a feminilidade para sua filha. Caso contrário, se a mãe reluta em aceitar sua própria castração, o contato com o corpo da filha se torna angustiante, pois comprova a questão da castração, e a transmissão do que é ser mulher poderá ficar prejudicada.

Quando a figura feminina da filha marca a castração em uma mãe que reluta em aceitá-la, a filha pode não perceber a si mesma como objeto de desejo da mãe, pois acredita não corresponder ao ideal narcísico desta; não se sente a filha perfeita, o falo que poderia ser oferecido à mãe e completá-la enquanto mulher. Mãe e filha ressentem-se uma com a outra: a primeira, pois a figura da filha lhe marca a castração; a segunda, pois, além de ser castrada — fato que atribui à mãe, culpabilizando-a —, não consegue ser o falo, o objeto de desejo desta que lhe deu a vida.

Tudo isso resulta em uma relação marcada por forte ambivalência e hostilidade. A filha fica presa à mãe, não pode abandoná-la e ascender ao feminino, ou porque é o falo da mãe — e separar-se desta quebraria a ilusão de completude da dupla —, ou porque nunca é vista como tal, nunca é digna de ser o objeto de amor e investimento materno que completa a mãe. Pela falta ou pelo excesso, o feminino não acontece.

Para McDougall (1987), quando a menina não encontra o olhar de aprovação da mãe, pode buscar sua imagem no espelho dos outros, pois lhe falta um objeto interno que sustente uma representação narcísica estável de seu corpo e seu sexo. Busca nos outros um olhar que lhe proporcione uma confirmação narcísica, mas acaba decepcionada, por acreditar que todos, assim como a mãe, só enxergam a falta, suas imperfeições, justamente aquilo que gostaria de ocultar.

Alonso (2008) afirma que a mãe precisa fazer de seu filho um semelhante, mas

diferente dela, um outro ser humano; reconhecer a alteridade do filho. Esse processo é difícil para os filhos de ambos os sexos, mas certamente a situação adquire uma complexidade maior quando se trata da filha. A semelhança dos corpos em seu sexo favorece que as mães coloquem as filhas em continuidade com elas próprias, convertendo-as em *bengalas* narcísicas ou identitárias, favorecendo relações de espelho e projeções narcísicas.

Esta autora ainda acrescenta a ideia de duas formas de dominação maternas. Uma na qual a exclusão paterna faz com que mãe e filha formem uma dupla inseparável; a mãe efetua uma projeção de seu narcisismo na menina, fazendo-a preencher a falta do “ser” materno, encarregada de realizar com perfeição tudo o que a mãe não pôde. Outra, em que há o estabelecimento de uma fusionalidade erotizada, pela qual a filha passa a ocupar o lugar do pai faltante ou falho, tendo que preencher a falta do “ter” do vínculo conjugal insatisfatório.

Essas mães amam apenas a idealização delas mesmas, projetada nas filhas, as quais, juntamente com o marido, ocupam um lugar secundário. A menina não reconhecida em sua alteridade, enquanto sujeito protagonista de suas próprias realizações e senhora de seus próprios desejos, fica a mercê do desejo materno, que nunca pode ser satisfeito. Vive para satisfazer a demanda narcísista de sua mãe. Isso gera uma baixa autoestima e um desvalor de si. O que está em jogo aqui é a falta de uma triangulação, a exclusão de um terceiro, o qual possibilitaria — caso pudesse exercer sua função sobre a dupla inicial — que este vínculo narcísista entre mãe e filha se desfizesse.

A mãe capaz de reconhecer sua filha como sujeito, alheio a si própria, abre espaço para o desejo da menina, suporta as frustrações desta e a deixa seguir seu rumo em direção ao pai. Tem a tranquila certeza de que o vínculo de amor e ternura que as une fará com que a criança, mais cedo ou mais tarde, volte a si. Desta vez, não voltará mais como objeto de desejo ou vínculo fusional, mas com a admiração de quem se identifica com a mãe para aprender a ser mulher e ascender ao feminino. Para a menina, a mãe não é apenas objeto de amor; é também identificação de gênero e ideal narcísista. Justamente por ser um objeto de amor, a menina pode identificar-se com ela.

A menina identifica-se com a mãe, enquanto mulher, muito antes da descoberta anatômica dos sexos. Alonso (2008) ressalta:

(...) atribuições dirigidas a cada um dos gêneros vão sendo incluídas na elaboração do ideal do ego, marcando os lugares de valoração para o homem ou a mulher. A menina, identificada com a mãe, vai reconhecendo que é uma menina mulher igual a ela, e vai se identificando com as atribuições que correspondem às mulheres. Tudo isso antes de reconhecer a diferença dos sexos. Faz-se uma menina em identificação com a mãe no lugar do modelo. (p. 240)

A mãe, aquela que inaugura os cuidados corporais, que cuida, que seduz, que amamenta, é o primeiro e mais importante objeto de amor para a menina. Caso esta mãe esteja bem resolvida com seus próprios conteúdos sexuais, é ela também quem interdita, quem proíbe, quem castra, quem inaugura a angústia de castração; é ela quem dá lugar ao pai, terceiro e castrador, para que ele possa auxiliá-la na difícil tarefa de quebrar esse vínculo simbiótico inicial entre ela e sua filha — vista como continuação dela, em carne e em ideal narcísico — e, por fim, a mãe também é aquela que a ensina a ser mulher, apresenta o que há de feminino no universo, serve como modelo identificatório para que a sexualidade feminina possa florescer.

Mãe — de amante a modelo; de objeto de desejo a objeto de amor e de identificação; de unificação à dupla; de simbiose à alteridade. Filha — de assujeitada a sujeito; de amante apaixonada à rival; de rival à admiradora; de aprendiz à mulher; de castrada ao feminino.

Considerações Finais

Ao final deste trabalho, é possível pensar a importância de estudar as questões referentes à sexualidade dos indivíduos, não apenas em seu caráter universal, como também em suas peculiaridades, que a delimitam como sexualidade feminina ou masculina.

Durante anos, a sexualidade feminina foi negligenciada, sendo considerada um privilégio masculino. A Psicanálise, através de seus estudos iniciais com pacientes histéricas, lança luz sobre a existência e a importância da expressão da sexualidade feminina, até então extremamente reprimida pelas culturas patriarcais vigentes.

Freud, mesmo sendo um homem conservador pertencente à cultura e influenciado pelos costumes da era vitoriana, conseguiu ouvir o que os sintomas histéricos denunciavam: a importância, para a vida psíquica, da temática e das manifestações da sexualidade infantil. Por muito tempo, Freud construiu sua teoria em torno da sexualidade masculina. O complexo de Édipo é embasado na sexualidade infantil do menino; logo, trata-se de uma teoria falocêntrica. Sendo assim, a sexualidade feminina era um ponto obscuro.

A obra freudiana passa a ser permeada, principalmente em seus últimos tempos, por escritos sobre como se constituem a feminilidade e a sexualidade feminina. A temática gira toda em torno de tópicos como castração, falo e inveja do pênis.

Autores contemporâneos seguiram, incitados por uma curiosidade a respeito da sexualidade feminina, a estudar conteúdos referentes ao feminino, como ênfase em questões identificatórias acima de qualquer coisa, inclusive do que dita a anatomia. Devido à contemporaneidade e a questões culturais, como o lugar que as mulheres ocupam hoje na sociedade e na cultura, alguns postulados de Freud parecem ultrapassados. No entanto, o que permanece — e talvez sempre permanecerá — vigente é a importância atribuída aos momentos pré-edípicos e edípicos propriamente ditos, nos assuntos referentes à sexualidade, seja ela feminina ou masculina.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alonso, S. L. (2008). *A filha “não suficientemente boa” — O feminino barrado. Interloquções sobre o feminino: Na clínica, na teoria, na cultura*. São Paulo: Escuta/ Instituto Sedes Sapientiae.
- Alonso, S. L. (2011). *O tempo, a escuta, o feminino: Clínica psicanalítica*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Freud, S. (1931/1996). *Sexualidade feminina*. In J. Strachey (Ed. e Trad.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 21). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1933/1996). *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise: Conferência XXXIII: Feminilidade*. In J. Strachey (Ed. e Trad.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 22). Rio de Janeiro: Imago.
- Kehl, M. R. (1998). *Deslocamentos do feminino — A mulher freudiana na passagem para a modernidade*. Rio de Janeiro: Imago.
- McDougall, J. (1987). *Repensando Eva: dos componentes homossexuais da sexualidade feminina*. In: Green, A. *Conferências brasileiras*. Rio de Janeiro: Xenon.
- Rejani, M. I. (2008). *A relação mãe e filha — O feminino barrado. Interloquções sobre o feminino: Na clínica, na teoria, na cultura*. São Paulo: Escuta/Instituto Sedes Sapientiae.